

MÃES E FILHAS EM OSCAR HIJUELOS E JUNOT DÍAZ

Dionei Mathias ¹

RESUMO

O conflito de gerações representa uma constante na literatura de fluxos migratórios, especialmente entre a primeira e a segunda geração. Os romances *Empress of the Splendid Season* de Oscar Hijuelos e *A fantástica vida breve de Oscar Wao*, de Junot Díaz problematizam esses conflitos. Com personagens da primeira geração de imigrantes oriundos de Cuba e da República Dominicana, os romances abordam, entre outros conflitos, os desafios experimentados pelas filhas, crescidas nos Estados Unidos. Assim, este artigo deseja analisar a relação entre mãe e filha nesses dois romances, a fim de discutir as dificuldades que resultam disso para o processo de construção de identidade.

PALAVRAS-CHAVE: *Empress of the Splendid Season*. Oscar Hijuelos. *A fantástica vida breve de Oscar Wao*. Junot Díaz. Mãe-filha.

Introdução

A literatura oriunda de contextos de fluxos migratórios ou que encena as experiências de mobilidade cultural retrata uma diversidade de motivações para a decisão de emigrar e, com isso, deixar um espaço de interação social, em que o sujeito domina, com maior ou menor grau de competência, as regras de comunicação e as expectativas de reação nos mais diversos encontros sociais. O mesmo vale para o processo de reassentamento. Muitos textos literários que pertencem a esse corpus representam as dificuldades e as estratégias ideadas para administrar o princípio da diferença tanto na percepção do indivíduo que emigra quanto dos indivíduos que enxergam o imigrante. O fio condutor do enredo, não raramente, se estabelece a partir de uma espécie de percurso de formação, em que os protagonistas precisam se apropriar das novas regras do jogo, a fim de poder participar da convivência sociocultural das coordenadas escolhidas.

Enquanto a primeira geração, em grande parte, se vê confrontada com a necessidade de se apropriar dessas regras num processo tardio, pós-migratório, a segunda geração, filhos de imigrantes, tem o desafio de administrar a herança cultural dos pais e as expectativas de concretização existencial vigentes na cultura dominante.

¹ Doutor em Letras respectivamente pela Universidade de Hamburgo/Alemanha e pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: dioneimathias@gmail.com

Não raramente, há diferenças no entendimento de mundo, de valores, nas formas de percepção da realidade e, sobretudo, na maneira como os rituais de interação são organizados. Isso significa que essa geração, em muitos casos, precisa administrar uma socialização dupla, exigindo a internalização de dois sistemas diversos de produção e manutenção do sentido que norteia a existência. Aqui o potencial de conflito que Jonathan White (2013) identifica como um dos vetores que caracterizam a ideia de geração se intensifica e se torna ainda mais complexo.

Uma situação recorrente ocorre, por exemplo, nos modelos de gênero e, especialmente, na administração e encenação do corpo, com toda sua semiótica inerente à gestualidade e à presença física do indivíduo. Quando as culturas de origem e de assentamento são muitos distantes, com narrativas corporais sólidas, a conflituosidade nesse processo de transição tende a aumentar. Diante da necessidade de internalizar duas formas diferentes de pensar o corpo e papéis de gênero, o indivíduo, por vezes, se vê paralisado, sem saber como processar essas expectativas e exigências como pré-requisito para poder participar dos diferentes agrupamentos e suas lógicas de produção de sentido. Modelos de gênero e de corporeidade contêm marcadores culturais. Uma das estratégias, segundo Watzlawik (2012, p. 259), para identificar seus potenciais de conflito reside em refletir sobre as estratégias de produção de sentido adotadas pelo respectivo indivíduo.

A administração de marcadores culturais como processo de construção de identidade se torna especialmente problemática na fase de transição entre infância e idade adulta, isto é, no momento em que o corpo muda substancialmente e o indivíduo precisa tomar uma série de decisões sobre como deseja se encenar, a fim de participar de agrupamentos culturais existentes no espaço social em que transita. Isso também inclui um posicionamento diante do legado dos pais, o que pode ocorrer num movimento de maior aproximação e subsequente adoção das narrativas paternas ou de distanciamento, o que exige um trabalho árduo de negociação e mesmo legitimação no cerne da família, a fim de instaurar uma identidade como narrativa independente (SOMERS, 1994).

A dissonância de narrativas, em muitos casos, cria conflitos carregados de hostilidades explícitas ou de um ambiente negativo em que a hostilidade é articulada indiretamente. A hostilidade explícita não raramente se dá em forma de violência física

ou moral, especialmente em relação a mulheres, mas também por meio da exclusão do espaço da moradia e dos recursos econômicos à disposição da família. O ambiente hostil se revela, sobretudo, em dinâmicas afetivas marcadas pelo conflito. No lugar do investimento afetivo, com sinais de apoio aos projetos identitários empreendidos, surgem configurações com tentativas de silenciamento da diferença ou dinâmicas em que o investimento afetivo é interrompido, exigindo do indivíduo uma organização anímica e emocional muito mais sólida para processar a hostilidade e ainda canalizar energias para a manutenção da diferença e para projetos alternativos que destoam do caminho previsto na família.

Nesse sentido, o presente artigo deseja discutir esses conflitos na relação mãe e filha, comparando essa interseção em dois romances do contexto de fluxos migratórios nos Estados Unidos, a saber, em *Empress of the Splendid Season*, de Oscar Hijuelos, e em *A fantástica vida breve de Oscar Wao*, de Junot Díaz. Nos dois romances, representantes da primeira e da segunda geração precisam negociar percursos identitários e estabelecer novas formas de pertencimento. Em ambos os textos, a transição entre projetos que estão em consonância com a expectativa dos pais para um projeto que destoa e instaura sua própria voz está acompanhada de conflitos e hostilidades.

1. O percurso cubano em *Empress of the Splendid Season*

O romance *Empress of the Splendid Season* foi publicado em 1999 e tem como protagonista Lydia España, imigrante cubana que trabalha como diarista em Nova York. O enredo encena seu percurso desde a chegada aos Estados Unidos até sua morte. Como diarista, a mãe Lydia transita entre as diferentes esferas sociais, isto é, ela trabalha em casas da elite nova-iorquina na área central e vive numa região mais pobre da metrópole. Antes de emigrar de Cuba, pertencia a uma classe social mais abastada, de modo que em seu país de origem nunca precisou desempenhar as tarefas que realiza para ganhar seu sustento. Com isso, há uma nostalgia (SMORKALOFF, 1999, p. 8) que caracteriza essa personagem e que está no cerne de suas expectativas em relação à filha. Com efeito, a mãe traz duas expectativas: em primeiro lugar, a manutenção de traços de cubanidade feminina e, em segundo lugar, as ambições de classe que ela traz de sua origem, as quais ela também vivencia em seu trabalho de diarista.

Para a filha Alicia, essas expectativas contêm alguns problemas, começando pelo fato de que sua socialização cultural e sua experiência de interação social ocorrem completamente em solo americano, o que causa dificuldades, já que nem sempre consegue vislumbrar o que a mãe tem em mente ao fazer suas exigências. Estas são articuladas explicitamente ou também de forma indireta:

But there was also Lydia's disapproval: she never said a negative word to her daughter about her appearance, but her pitying expressions, the way she furrowed her brows, sighing, left her daughter in a disconsolate state of mind; and there were the days when Lydia, nostalgic for her youth, spoke of how the men in Cuba used to whistle and call her Dorothy Lamour, how a famous movie star had once admired her in Havana, and that men still talked to her on the street, even if she had nearly ruined her figure bringing her children into the world – on those days Alicia could not stand to be in the apartment (HIJUELOS, 1999, p.102).

O conflito inicial se intensifica quando a filha começa a perceber que não está à altura daquilo que a mãe espera dela. A citação indica que as interações não estão caracterizadas por uma atitude hostil e explicitamente agressiva. Contudo, a despeito da ausência de palavras negativas, ocorre uma espécie de negociação de imagens no nível da semiótica corporal e afetiva. O corpo da mãe, com suas expressões faciais e sua gestualidade, contém uma série de informações que revelam a Alicia como sua mãe a avalia. Essas expressões produzem questionamentos no que toca ao percurso existencial da filha e o modo como esta organiza sua identidade. Nisso, o olhar de compaixão não representa somente uma dinâmica de empatia, ele também indica a Alicia que a imagem de si produzida por ela não atende às expectativas da figura materna.

Parte dessas expectativas reside na imagem que Lydia traz de seu contexto de origem e do modo como ela concretizou seu projeto de si quando se encontrava na faixa etária da filha. Assim, as memórias do passado por um lado servem como material para recuperar e construir uma imagem corporal que desperta admiração e desejo. Por outro, ao concatenar essas memórias numa narrativa, ela oferece à filha um conjunto de informações cuja finalidade reside em sugerir formas de comportamento e de gestualidade corporal a serem imitadas por Alicia. Isto é, ao rememorar o passado e concatená-lo com o presente, a mãe oferece uma narrativa de identidade para a internalização da filha. Ela alimenta a expectativa de que Alicia adote esse parâmetro para pensar e concretizar sua própria existência.

Para a filha, contudo, essas expectativas produzem uma configuração afetiva insuportável. Embora a mãe, em nenhum momento, expresse explicitamente o que espera, Alicia decodifica tanto a semiótica do corpo como a narrativa de rememoração como tentativas de imposição de narrativas do si. Diante desse cenário, ela começa a sair de casa, abandonando um espaço que busca silenciar os sentidos que afloram a partir de suas experiências de mundo. Na citação, Alicia se encontra no início de um processo de resistência, identificando nesse momento somente um desconforto afetivo que a impele a se distanciar dessa configuração. Mais tarde, essa resistência assume formas mais radicais, quando passa noites fora de casa, incorrendo em riscos, dada a violência que predomina nos locais onde transita, a fim de simbolizar seu desejo de defender sua autonomia.

Com efeito, Alicia se encontra numa espécie de encruzilha entre as expectativas da mãe que não pode atender e, por outro lado, a incerteza sobre que caminho escolher para encontrar uma narrativa do si em consonância com aquilo que pressente, mas ainda não consegue articular. Diante da ausência de uma narrativa adequada para o modo em que vislumbra sua presença no espaço de interação, Alicia começa a ficar atenta a alternativas que divergem das redes semióticas que circulam diretamente na família:

But on that night – in fact every time she listened to the music – a layer of herself was peeled away; the simple melodies of those songs and the excitement of her emotions (for she was not sad when she listened to them) creating in her the notion of a new self, as if the music had induced the growth of a rejuvenated and beautiful skin (HIJUELOS, 1999, p. 104).

Alicia descobre a música dos Beatles, uma música, portanto, que diverge substancialmente dos hábitos de consumo da família, o que introduz um primeiro vetor de resistência ou, ao menos, um marcador que sugere que ela deseja encontrar sua própria rede semiótica para simbolizar seus sentidos pessoais. Esse primeiro movimento de dissonância entre mãe e filha ainda não representa uma ruptura radical ou mesmo um questionamento da visão de mundo da mãe, mas ele desencadeia um anseio de busca por formas próprias. Para isso, não é a música latino-americana nem a música estritamente americana que serve como instrumento de obtenção desse conjunto de símbolos, mas sim um grupo de outro país, embora de língua inglesa, que inova completamente o cenário musical de sua época.

Essa radicalidade da inovação musical desperta seu interesse, pois ela transfere esse comportamento, embora não conscientemente, para sua esfera pessoal e reconhece possibilidades de identificação. A música lhe fornece novos modos de ver o si e, com isso, de vislumbrar projetos de identidade a serem concretizados no futuro. O que predomina na citação são imagens de experiências corporais – como a pele que se transforma – e de experiências afetivas, que são positivas. Nesse momento, Alicia somente sente que esse produto cultural pode transformar suas próprias possibilidades de imaginar o modo como deseja organizar sua narrativa de si.

Com a mudança de seu corpo na transição da infância para a adolescência, Alicia repentinamente se vê detentora de um corpo tão atrativo quanto o foi de sua mãe, na mesma idade. Essa transformação, que circulava como expectativa não explícita da mãe, contudo, não representa um retorno da identificação com a figura materna ou um reposicionamento de seu norte identitário. No lugar de seguir o percurso daquilo que a mãe considera natural e adequado, agora com o corpo apropriado para essa narrativa, Alicia é autora de um roubo (HIJUELOS, 1999, p. 115). O roubo tem um impacto substancial no relacionamento entre mãe e filha e pode ser lido como ato de resistência às tentativas de subordinação. Para a mãe, o acontecimento representa um estigma social, pois ao longo do enredo ela repetidamente enfatiza sua superioridade moral como forma de narrar sua identidade. Diante da ausência de necessidade, o roubo contém elementos de insubordinação, cuja finalidade reside em indicar à figura materna seu desejo de ter autonomia para definir seu próprio caminho.

A reação materna está em consonância com o comportamento de muitas figuras semelhantes no contexto da literatura de fluxos migratórios, isto é, ela ameaça a filha com o envio para o país de origem dos pais (HIJUELOS, 1999, p. 142)². A promessa que a mãe se faz ao desejar enviar a filha à Cuba é de que a filha adote e internalize, de certo modo, o projeto de identidade, com o qual ela mesma foi socializada. Com efeito, ela espera que sua filha apague os elementos de alteridade, ao menos, aqueles que causam seu desconforto ou sua objeção. Dadas as dificuldades políticas no país e o conflito que a fez se distanciar de sua família, a mãe não adota essa medida radical para controlar a resistência, mas não deixa de estimular o sentimento de vergonha como estratégia de punição. Essa estratégia, Lorenzo (2005, p. 11) identifica como

² “If you don’t like it here, then maybe we should send you to Cuba, where the people really have it bad, then you’ll see” (HIJUELOS, 1999, p. 142).

instrumento central para desacelerar processos de assimilação. Alicia, por sua vez, não volta a roubar, mas tampouco se subordina:

Disciplined, threatened with punishments, Alicia ran off to live with some hippies in Connecticut. Woozy with chemicals, she spent her days in a remote spot off the Connecticut River, half naked in the woods, learning to play an oak flute like a Native American and communing with the godliness of nature, with every spore, molecule, and radiant spray of light that glowed and ebbed out of the most ordinary things (HIJUELOS, 1999, p. 186).

Como no caso da música, ela agora identifica no movimento hippie uma alternativa de pertencimento e de narração do si. Diante das inúmeras tentativas de controle do corpo e da identidade, ela opta por fugir de casa e se juntar a um agrupamento de indivíduos que transforma sua dissonância identitária numa marca de pertencimento de grupo. Semelhantemente aos Beatles, os hippies introduzem novas formas de conceber a vida e potenciais de narrativas de identidade. Mais uma vez, em analogia à experiência com a música, ela tem a oportunidade de ouvir o próprio corpo e identificar o fluxo de suas emoções. Surge um movimento de sintonização entre o si e as experiências que o circundam, e nessa forma de organizar a existência ela divisa um modo de resistir aos projetos, com os quais não consegue se identificar.

Após essa fase de rebeldia, Alicia acaba se casando e formando uma família própria, optando por viver longe da mãe. Ela consegue trilhar seu próprio caminho e se assentar, mas vale lembrar que, ao contrário de seu irmão, que é foco constante de atenção da mãe e do fluxo narrativo do romance, Alicia praticamente desaparece na parte final do texto, o que reforça a conflituosidade entre mãe e filha. Para os filhos de Alicia, o mundo cubano da avó já não é mais uma referência, possivelmente, porque Alicia não confere importância ao trabalho de memorização desse deslocamento migratório.

2. O percurso dominicano em *A fantástica vida breve de Oscar Wao*

O romance *A fantástica vida breve de Oscar Wao* apresenta o percurso de Hypatia Belicia Cabral, imigrante dominicana em Nova Jersey, e de seus filhos, Oscar e Lola. Como a protagonista do romance de Oscar Hijuelos, a mãe deixa sua terra natal por conta de conflitos, mas neste caso o grau de violência é muito mais intenso, pois, após ser perseguida, ela precisa fugir de pessoas que têm influência direta nos mais altos

escalões do governo. Também ela precisa trabalhar muito para sustentar a família, tendo que criar os filhos sozinha. Os filhos Oscar e Lola, como Alicia e Rico em Hijuelos, foram criados e socializados nos Estados Unidos.

Semelhantemente ao percurso de Alicia, também Lola passa por fases em que há consonância de expectativas e períodos em que ela resiste às tentativas de subordinação da figura materna, até encontrar uma narrativa de identidade pautada por escolhas autônomas. A primeira fase está caracterizada pela ausência de reflexão sobre a influência materna:

Dos 2 aos 13 acreditei nela e, por causa disso, era a filha perfeita. Eu que cozinhava, limpava, lavava, fazia compras, traduzia e escrevia cartas para o banco para explicar o atraso da hipoteca da casa. Tirava as melhores notas da sala de aula. Nunca aprontava, nem mesmo quando as morenas corriam atrás de mim com tesouras, por causa do meu cabelo meio liso. Ficava em casa e dava a janta para o meu irmão e cuidava de tudo direitinho enquanto ela trabalhava. Criei Oscar e me criei. Sozinha. Você é minha filha, comentou ela, não está fazendo mais do que a obrigação. Na época em que aquele troço aconteceu comigo, quando eu tinha 8 anos, e finalmente resolvi contar para a minha mãe o que o sujeito tinha feito, ela me mandou calar a boca e parar de chorar, e foi o que fiz, calei a boca, fechei as pernas e a lembrança e, em um ano, já nem podia descrever a aparência daquele vizinho, nem dizer o seu nome (DÍAZ, 2009, p. 64).

Durante a fase da infância até o início da adolescência, Lola enxerga no comportamento da mãe modelos identitários a serem seguidos. Diante da consonância que essa visão produz, ela se esforça em prever e realizar as necessidades da mãe, de modo a estar à altura das expectativas que esta tem em relação ao comportamento da filha. Para isso, já muito cedo a menina fica responsável por uma série de atividades para a manutenção da casa, incluindo a administração do espaço, de questões burocráticas e do cuidado do irmão menor. Além de manter as narrativas previstas pela mãe no espaço restrito da casa, ela também empreende um esforço de não incorrer em qualquer desvio no espaço público, onde interage com outros grupos sociais. Mesmo diante da possibilidade de exclusão por parte das colegas, ela mantém seu comportamento alinhado àquilo que mãe implicitamente espera.

Na visão da mãe, esse comportamento de obediência e aquiescência representa uma configuração natural e inquestionável. Isso se estende, até certo ponto, também para as expectativas de gênero. Quando a filha relata a violência perpetrada por um vizinho, a figura materna não busca esclarecimento, tampouco tenta auxiliar a filha a

processar esses acontecimentos, a fim de reduzir o impacto do trauma. No lugar de estimular a autonomia e a instauração da voz própria, o comportamento materno sugere que a filha deve aceitar a violência, sem clamar por seus direitos. Em três situações diferentes, portanto, a filha segue o princípio da submissão às regras tácitas previstas para a configuração de gênero. Nisso, ela repete comportamentos semelhantes àqueles que a mãe concretizou, no período em que ainda morava na República Dominicana. A submissão se revela como condição do investimento afetivo por parte da mãe. Assim que a filha dá início a um comportamento de resistência, o investimento afetivo passa a ser caracterizado por hostilidade.

A transição entre submissão e resistência ocorre no início da adolescência de Lola. Nesse momento, ela deixa de seguir as diretrizes previstas pela mãe para começar a refletir e questionar. Com isso, ela volta seu olhar para o comportamento materno e o analisa criticamente sob uma nova perspectiva:

Nosso relacionamento tinha sido o pior possível o ano todo. E como poderia deixar de ser? Ela era a mãe Dominicana do Velho Mundo e, eu, sua única filha, a que ela tinha criado sozinha, sem contar com a ajuda de ninguém, o que significava que se achava no direito de me manter esmagada debaixo do sapato. Eu tinha 14 anos e já estava louca para ter meu próprio espaço, bem longe dela. Queria a vida que via quando criança no seriado *Big Blue Marble*, que me inspirou a escrever cartas para amigos distantes e a levar o Atlas da escola para casa. Queria a vida além de Paterson, além da minha família, além do espanhol. E, assim que a velha adoeceu, vi que tinha chegado o momento; não vou dar uma de falsa, nem pedir desculpas — simplesmente vi que era minha chance e não deixei que escapasse. Se você não cresceu como eu, então não sabe como é e, se não sabe, o melhor a fazer é não julgar. Não faz ideia de como as nossas mães controlam a gente, até mesmo as que nunca estão por perto — *especialmente* as que nunca estão por perto; do que é ser a filha dominicana perfeita, um jeito eufemístico de dizer escrava dominicana perfeita (DÍAZ, 2009, p. 63).

O ponto de partida dessa reflexão considera a origem da mãe e a socialização que traz como experiência de mundo. Embora Lola conheça somente a realidade de Paterson, ao menos naquele momento, ela consegue vislumbrar que a experiência cultural de seu país, a configuração econômica e seu pertencimento de gênero contribuem para o modo como ela controla as ações dentro do núcleo familiar. Ao mesmo tempo, contudo, em que percebe as dimensões das conquistas feitas pela figura materna para poder criar os filhos, ela também se dá conta dos vetores de silenciamento

que acompanham esse processo. Ao contrário de Lydia, Beli expressa explicitamente suas convicções e faz sua filha sentir todo o peso de seu desprezo, quando esta apresenta comportamentos que não estão em consonância com as expectativas maternas.

Essa prática pautada por vigilância e disciplinamento, com afetos negativos, também volta na percepção do corpo da filha. Aqui a mãe controla o corpo pubescente a fim de que desenvolva as formas que ela considera adequadas (DÍAZ, 2009, p. 60). Enquanto esse corpo ainda não assume a forma prevista pela mãe, ela o menospreza. Isso também inclui a semiótica do próprio corpo, que Lola utiliza para indicar novos percursos de independência, por exemplo ao raspar seu cabelo. Para Kunsá (2013, p. 221), essa semiótica tem implicações que vão além de uma dinâmica individual de resistência, contendo conseqüentemente dimensões raciais de dissensão. Dentro da lógica do núcleo familiar, sua primeira camada de sentido reside num ato de dissonância com as expectativas da mãe.

Como Alice, também Lola deseja seu espaço privado, em que possa inserir elementos semióticos que representem seu projeto de identidade. Mais uma vez elementos dos produtos culturais, em forma de pôsteres, música e séries oferecem caminhos de identificação, no além das lógicas nacionais. No lugar da cultura hippie, Lola busca contatos de intercâmbios – por carta – com pessoas do Japão, o que a mãe Beli também avalia com desprezo, como a personagem Lydia no romance de Hijuelos. A chance para escapar desses mecanismos de silenciamento ocorre quando a mãe adoece. Em seu relato, a personagem Lola se dirige ao leitor nesse momento, numa tentativa de legitimação moral, diante de sua atitude na situação de fraqueza da mãe. Alicia se encontrava numa encruzilhada semelhante ao roubar, mas o resolve rapidamente. Lola, por sua vez, identifica uma chance que não teria em circunstâncias diferentes. Nisso ela chama a atenção para a diferença na produção de imagens no espaço privado e no espaço público da percepção por parte do grupo majoritário. Ela identifica essa discrepância e sabe que tem um impacto sobre suas próprias chances de narrar sua identidade.

Ao contrário de Lydia, Beli envia sua filha para a casa da mãe adotiva na República Dominicana, como forma de castigo, mas, sobretudo, como mecanismo para assegurar a consonância de comportamentos. Lola, contudo, traz a lume um alto grau de flexibilidade e adaptação, de modo que ela transforma a permanência no novo país, num

percurso de aprendizagem e reconfiguração da própria identidade. Ela, possivelmente, não identifica que uma única nação ou uma cultura homogênea não é suficiente para abarcar sua identidade, mas definitivamente encena um processo de construção de identidade que transcende o princípio essencialista da nação, o que está em consonância com a leitura que Mermann-Jozwiak (2013, p. 7) faz do romance de Díaz. Sua permanência na República Dominicana a prepara para os desafios que precisa enfrentar ao voltar aos Estados Unidos. Assim, diferentemente do irmão, ela assume papéis de liderança no contexto universitário e começa a instaurar uma voz autônoma que dita as próprias regras, incluindo também uma crítica ideológica (GONZALEZ, 2016, p. 290) que transcende o espaço unicamente familiar.

Considerações finais

Em ambos os romances as figuras maternas se revelam como personagens que atribuem grande importância ao princípio da obediência e da manutenção de projetos de identidade que elas consideram aceitáveis. Nesse cenário, ambas investem um alto grau de energia afetiva, a fim de controlar e disciplinar os interesses das filhas. Para isso, elas não poupam ações, para que as filhas internalizem os comportamentos desejados, tanto no que se refere à administração do corpo como a projetos de identidade. Na ausência de submissão, a estratégia em destaque é o princípio do investimento afetivo, o qual sofre alterações na medida que as filhas vão alterando seus comportamentos. Em havendo consonância, os afetos positivos predominam; no caso de dissonâncias, impera a hostilidade e a interrupção do investimento emocional de coloração construtiva.

Para as personagens da segunda geração em ambos os romances, essa constelação exige a aquisição de uma série de conhecimentos para que possam construir suas identidades em consonância com seus próprios projetos. Na infância, esse percurso está caracterizado por um comportamento de obediência e submissão, de modo que não há conflitos. Na transição para a adolescência, tanto Alicia como Lola começam a clamar por espaços próprios, o que desencadeia tentativas de silenciamento por parte das mães. Quando o grau de resistência aumenta, a ameaça de envio para os países de origem das mães aumenta, no caso de Lola, até mesmo se concretiza. Para ambas, o percurso conflituoso desemboca numa reconfiguração da identidade, ditada por escolhas próprias e que destoam dos projetos previstos pelas figuras maternas. O caminho para

essa autonomia, contudo, exige resistência e, sobretudo, coragem para suportar hostilidades e tentativas de silenciamento.

Referências bibliográficas

DÍAZ, Junot. *A fantástica vida breve de Oscar Wao*. Tradução de Flávia Anderson. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.

HIJUELOS, Oscar. *Empress of the Splendid Season*. London: Bloomsbury, 1999.

KUNSA, Ashley. History, Hair, and Reimagining Racial Categories in Junot Díaz's *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao*. In: *Critique: Studies in Contemporary Fiction*, v. 54, nr. 2, 2013, p. 211-224.

LORENZO, Olga. Nostalgia, Shame and the Transplanted Cuban: 'la cubana arrependida'. In: *Portal Journal of Multidisciplinary International Studies*. v. 2, n. 1, 2005, p. 1-25.

MERMANN-JOZWIAK, Elisabeth Maria. Beyond Multiculturalism: Ethnic Studies, Transnationalism, and Junot Díaz's *Oscar Wao*. In: *Ariel: A Review of International English Literature*, v. 43, n. 2, 2013, p. 1-24.

SMORKALOFF, Pamela M. *Cuban Writers On and Off the Island*. New York: Twayne Publishers, 1999.

SOMERS, Margaret R. The narrative constitution of identity: A relational and network approach. In: *Theory and Society*, v. 23, 1994, p. 605-649.

WATZLAWIK, Meike. Cultural identity markers and identity as a whole: Some alternative solutions. In: *Culture & Psychology*, v. 18, n. 2, 2012, p. 253-260.

WHITE, Jonathan. Thinking generations. In: *The British Journal of Sociology*, v. 64, 2013, p. 216-247.

MOTHER AND DAUGHTERS IN OSCAR HIJUELOS AND JUNOT DÍAZ

ABSTRACT

The generation conflict represents a constant in the literature of migratory flows, specially between the first and second generation. The novels *Empress of the Splendid Season* by Oscar Hijuelos and *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao* by Junot Díaz problematize these conflicts. With characters of the first generation of immigrants coming from Cuba and Dominican Republic, the novels tackle, among other conflicts, the challenges experienced by the daughters, who grew up in the United States. Thus, this article aims to analyze the relationship between mother and daughter in both novels, in order to discuss the difficulties for the process of identity construction.

KEYWORDS: Empress of the Splendid Season. Oscar Hijuelos. A fantástica vida breve de Oscar Wao. Junot Díaz. Mother-daughter.

Recebido em: 27/01/2020

Aceito em: 28/04/2020